

de David Roberts, entre outros. A boa impressão que a obra deixa não se tolda pelo aparecimento de diminutas anomalias, como é o caso da alusão, numa legenda, ao faraó Seti I quando o monarca representado na imagem é Ramsés II, como se poderá concluir pelos nomes encartelados (p. 92); a referência ao nome divino de Khourou em vez de Khonsou (em português: Khonsu) quando se menciona o templo desta divindade lunar em Karnak (p. 210); o nome de Hórus Kaa, da I dinastia, reduzido para Ka (p. 214) e o nome do faraó Amenemhat, da XII dinastia, erradamente escrito Amenhemat (p. 214) naturalmente por falha dos serviços de revisão. Mais desagradável é depararmo-nos, na evocação da arqueologia egípcia, com a inexplicável ausência do conhecido egiptólogo inglês Flinders Petrie, que veio introduzir na pesquisa arqueológica novos métodos de prospecção e de registo dos achados e que ombreia com os seus contemporâneos Maspero (justamente mencionado), Erman e Reisner (também omitido).

Luís Manuel de Araújo

CHRISTINE EL-MAHDY, *Momies: Mythe et Magie*, Col. Archives du Temps, Ed. Casterman, Paris, 1990, 192 pp. ISBN 2-203-23303-8

O terceiro volume da colecção «Archives du Temps», dirigida por Martine Prosper e Henri de Saint-Blanquat, oferece-nos um tema que, sobressaindo de entre os variados e múltiplos aspectos da milenar civilização egípcia, tem merecido atenção generalizada. É uma atenção que se detecta entre os egiptólogos (para um estudo científico e aturado dos despojos humanos de seres que há muitos séculos viveram nas margens úberes e verdejantes do Nilo) e entre um vasto e diversificado público, especializado ou não, estudioso ou não, atraído pela curiosidade e também, não poucas vezes, atraído pelo lado mórbido e «misterioso» de tudo o que se liga às práticas da mumificação e embalsamamento.

O interesse que tal tema reconhecidamente desperta ficou desde logo comprovado pela iniciativa da editora Casterman que, um ano depois da saída da versão original britânica (a cargo da Thames and Hudson), encarregou Christine Monnate e Marie Chemorin da sua tradução e adaptação para língua francesa. E foi esta versão em francês que com notório agrado pudemos apreciar, aqui se sublinhando desde já as vantagens que da sua leitura podem tirar todos os que desejarem saber algo mais sobre tão aliciante temática, beneficiando de um texto

acessível e objectivo, varrido de elucubrações mumiescas e desmistificador de «maldições», acompanhado por excelentes e esclarecedoras gravuras.

A autora, egiptóloga da Universidade de Liverpool, onde ensina as disciplinas de Egípcio Clássico e Copta, é também responsável pela reorganização das colecções egípcias da mencionada universidade, tendo igualmente dado o seu contributo para o estudo do acervo egiptológico do Bolton Museum. As suas diversificadas actividades, teóricas e práticas, no âmbito da egiptologia (nomeadamente nos campos da filologia e estudo directo dos materiais arqueológicos) proporcionaram-lhe a publicação da sua obra *Exploring the World of the Pharaohs* (Thames and Hudson, Londres, 1987), estando agora em preparação uma gramática egípcia.

A obra aqui apresentada, dedicada ao estudo desses restos humanos preparados com tanto cuidado para a eternidade, divide-se em três partes, a saber: *Les chemins de l'éternité* (pp. 23-72); *A la recherche du passé* (pp. 73-108); *Mythe et magie* (pp. 109-175). Antes porém, vem a Introdução (pp. 9-22), que em subtítulo interroga «Qu'est-ce qu'une momie?» e logo dá a resposta sintética: «On appelle momie toute dépouille, humaine ou animale, conservée volontairement ou par accident» (p. 9). Ainda no texto introdutório a autora detém-se em breves esclarecimentos sobre os vários elementos constituintes do ser, isto é, do Egípcio candidato a múmia: o *ka* (o duplo intangível, espiritual e psíquico, criado à imagem do corpo e tendo todas as necessidades deste, sendo representado pelo hieróglifo $_f k3$)\ o *ba* (por vezes erradamente traduzido por «alma», e que é um elemento que representa «tous les aspects spirituels d'un individu, ce que nous appelons la personnalité», representado na escrita hieroglífica de várias maneiras, nomeadamente como um pássaro); o *akh* (o corpo humano transformado, glorificado, para habitar no outro mundo em companhia de diversos deuses do panteão); e ainda a sombra (*khaibit*) e o nome (*ren*), como fundamentais elementos constituintes da totalidade do ser (PP- 1M3).

A primeira parte é composta por dois capítulos, bem sintetizados na página do respectivo sumário: «Les vivants et les morts» (pp. 24-51), onde são evocadas as mastabas, pirâmides e poços tumulares profundos que não escaparam às pilhagens metódicas efectuadas ao longo dos séculos, sofrendo com isso também as próprias múmias, destruídas aos milhares e pagando pesado tributo à cupidez e à ignorância, desde os ladrões dos mais remotos tempos da Antiguidade aos apetites «científicos» dos tempos modernos; e «L'Art d'embaumer»

(pp. 52-72), onde nos é recordado que desde a época pré-dinástica os despojos humanos eram enterrados em simples fossas onde se conservavam excelentemente sob o efeito da areia quente e seca, tendo sido a partir da observação deste fenómeno natural que os Egípcios foram desenvolvendo a prática, cada vez mais apurada, da mumificação (a qual atingirá o seu apogeu durante a XXI dinastia).

A segunda parte, que procura ir em busca do passado, salienta as vantagens do estudo cuidadoso das múmias através do uso de raios X (método que tem a particularidade de não as danificar), dispondo actualmente os cientistas empenhados nesse estudo (egiptólogos, médicos e não só, atendendo a que se trata de uma tarefa verdadeiramente interdisciplinar) de seguras informações acerca do método de mumificação e embalsamamento, do modo como viviam e morriam os antigos Egípcios, as suas doenças e maleitas e os remédios para as combater, etc.


Debruçando-se sobre o mito e a magia, inseparáveis de um tema como este, Christine el-Mahdy trata na terceira parte dos costumes funerários complexos e dos vários tipos de túmulos, a evolução das crenças, fórmulas mágicas e amuletos (pp. 139-147), o culto dos animais, disseminado sobretudo a partir da Época Baixa (pp. 158-169), rematando com uma boa desmontagem das crendices e «maldições» que se foram urdindo em torno das múmias e dos túmulos do velho Egipto faraónico (pp. 170-175).

Segue-se o «Guide des momies» (pp. 177-180), com uma listagem dos vários museus que incluem nas suas colecções egíptológicas múmias humanas e de animais: o relevo vai, naturalmente, para o Museu Egípcio do Cairo, seguindo-se o British Museum, o Field Museum of Natural History (Chicago), o Museu de Manchester, o Musée Guimet d'Histoire Naturel (Lyon), o Museu Egípcio de Turim, o Rijksmuseum van Oudheden (Leiden), entre outros. A lista inclui mais de oitenta museus, aos quais haveria que acrescentar o nosso Museu Nacional de Arqueologia, cuja colecção de antiguidades egípcias possui três múmias tardias (que naturalmente a autora desconhecia, mas que numa segunda edição da obra poderão constar do rol, até porque muitos dos museus lá mencionados têm apenas uma ou duas múmias).

A obra vai rematar-se com um breve glossário (pp. 181-183), a cronologia (pp. 184-185), a bibliografia utilizada e recomendada (pp. 186-187) e um índice remissivo (pp. 189-191).

Os sucintos reparos que poderão ser feitos a tão oportuna e aconselhada obra resumem-se à detecção da anomalia verificada na p. 22, quando o sumo sacerdote de Amon Pinedjem é apontado como «pri-

meiro rei da XXI dinastia», o que não corresponde à verdade (aliás, na cronologia referente à XXI dinastia que consta da p. 185 o seu nome nem lá aparece); na p. 135 o título sacerdotal de *Sehedj hemu-netjer* não pode ser apresentado no singular como «le controleur du prophète» mas sim no plural: «inspector dos sacerdotes», dado que a inscrição hieroglífica (no caso uma inscrição de um cone funerário do nobre

Mentuemhat) se apresenta como  *st)d hmw-ntr*. Uma segunda edição da obra certamente eliminará a discrepância que se verifica na grafia de personagens mencionadas: o faraó Ahmés, fundador da XVIII dinastia, com o seu nome na forma egípcia (p. 85), preferindo-se depois a forma grega de Amosis (p. 86 e outras); o funcionário Maherprâ, assim aparecido na p. 164, mudando-se mais à frente para Mahirpa (p. 177).

Como já se assinalou, o texto é enriquecido por excelentes gravuras, algumas delas a cores, como a que se reproduz na p. 143, mostrando algumas das jóias encontradas no túmulo da rainha Mereret (da XII dinastia) em Dahchur. No interior de um círculo formado por um grande colar em ouro e pedras semipreciosas vêem-se cinco amuletos: um representa o círculo mágico *chen*, três o profiláctico símbolo *au-ib*, enquanto o terceiro se apresenta lamentavelmente invertido (por culpa de quem preparou previamente os objectos para serem fotografados), não deixando por isso apreender toda a mensagem do amuleto (o coração *ib* sobre o signo de oferenda e paz, *hotep*, e dois signos que aludem à divindade, *netjer*).

Luís Manuel de Araújo